

DOSSIÊ: RELIGIÕES AFRO-AMERICANAS

ATUALIDADE DAS RELIGIÕES AFRO-AMERICANAS

Sergio Figueiredo Ferretti
Hippolyte Brice Sogbossi

Este número da Revista Pós Ciências Sociais apresenta um dossiê sobre as religiões afro-americanas reunindo sete trabalhos sobre diferentes aspectos do tema. Parte deles foi apresentada em Simpósio sobre Religiões Afro-Americanas e Diversidade, realizado em Granada, na Espanha, em Julho de 2010, no XIII Congresso Latino Americano sobre Religião e Etnicidade, organizado pela Associação Latino-Americana para o Estudo das Religiões (ALER) e coordenado pelos organizadores do dossiê.

Elementos deste tema vêm sendo debatidos por pesquisadores reunidos em eventos anteriores coordenados pelos mesmos organizadores, como o Grupo de Trabalho sobre Religiões Afro-Brasileiras e Diversidade, na XI Reunião Norte-Nordeste de Antropologia e na II Reunião Equatorial de Antropologia (ABANNE/REA) realizada em Natal, na UFRN em Agosto de 2009.

Nos últimos anos o tema das religiões afro-americanas tem sido abordado por diferentes pesquisadores entre os quais destacamos Roger Bastide, Angelina Pollack Eltz, Hubert Fichte, Fernando Ortiz e Stefânia Capone.

Roger Bastide que pesquisou e escreveu no Brasil durante cerca de quinze anos nas décadas de 1930 a 1950, foi o autor mais publicado e mais conhecido no campo das religiões afro-brasileiras e sua obra até hoje exerce larga influência. Bastide procurou entender nossa realidade na perspectiva de uma sociologia em profundidade, analisando aspectos do comportamento popular. Elaborou o conceito de cisão ou corte para analisar o problema da aculturação no contato entre a cultura brasileira e africana. Foi um instrumento teórico-metodológico que utilizou para entender a interpenetração de civiliza-

ções e o sincretismo, pois considerava fundamental separar coisas distintas as quais julgava que não poderiam estar misturadas. Enfatizou no candomblé a separação e a preservação relativamente pura de elementos originais na construção de nossa cultura.

A obra de Bastide em sido criticada e defendida em diversos aspectos por diferentes autores. Apesar das críticas todos reconhecem a importância de seu trabalho que contribuiu para tornar as religiões afro-brasileiras e afro-americanas tema importante para a compreensão da realidade de nosso continente. A partir de seus estudos no Brasil Bastide publicou em 1967 o livro *As Américas Negras*, em que analisa as religiões afro-americanas fazendo comparações em diversos países das Américas, constatando que até então havia poucos estudos comparativos entre as diversas áreas religiosas afro-americanas. Apresenta dados estatísticos sobre escravos importados e sobre a presença negra e mestiça nas diferentes regiões. Discute a permanência de tradições econômicas e de parentesco. Comenta revoltas de escravos em várias sociedades quilombolas, discorrendo sobre o encontro do negro, do índio, os costumes daí derivados e as sobrevivências religiosas e étnicas em diversos países.

Bastide teve o mérito de sistematizar as pesquisas anteriores a ele. A civilização dos negros era abordada de uma perspectiva mais política do que científica, ao menos até a década dos 30 do século passado. Para Bastide, ninguém contribuiu mais para a ruptura dos laços da ciência com a ideologia do que Herskovits, que fascinou o mundo com a aplicação do espírito e dos métodos da antropologia cultural ao estudo das “sobrevivências” africanas na América.

Segundo Bastide, através do uso de um ponto de vista funcionalista e do método da

“causalidade final à causalidade eficiente”, Herskovits indagou sobre a origem dos traços culturais encontrados nos negros americanos. Foi o inspirador de Guérin Montilus, professor haitiano radicado nos Estados Unidos, pois, ambos se apioaram no método comparativo e no histórico. Como asseverou o próprio Bastide (1967, p. 12) o melhor método para a análise das culturas afro-americanas consiste não em partir da África para ver o que dela subsiste na América, mas em estudar primeiro as culturas afro-americanas para depois confrontá-las com as que provavelmente lhes deram os elementos necessários para sua confirmação. O conhecimento da origem étnica dos africanos é imprescindível para o estudo das retenções deste lado do Atlântico.

Outra observação importante de Bastide é que numa determinada região de América pode existir uma cultura africana dominante, mas esta posição não é equivalente à procedência étnica do maior número de escravos que tenha sido importado para essa região. No Haiti por exemplo, “a maioria dos africanos era *congo*, porém foram os *arada* e os *fon* os que impuseram as suas crenças ao grande contingente africano da Ilha de Saint Domingue (DORSAINVIL, 1937). Em Cuba, porém, o fator de convivência cultural foi determinante, como aconteceu com os ioruba, que absorveram em alguns lugares a cultura dos grupos minoritários, exatamente como constata Lima (2003) com relação à uma nação de candomblé Queto de Salvador. Deve-se levar em conta que muitas vezes, no presente caso, convergiram no mesmo lugar portadores de culturas similares ou, pelo menos, vizinhas.

Bastide também alerta sobre a diferença existente entre influências e sobrevivências culturais, manifestas ou escondidas. As influências culturais são as evidências de al-

guns traços de uma cultura em outra; as sobrevivências são o conjunto dos elementos físicos relativamente comuns a duas culturas. Ante o enfoque culturalista orientado em direção ao passado, isto é, em direção à cristalização das sobrevivências africanas, propõe um enfoque novo, direcionado à inovação e à originalidade das culturas africanas na América.

Ao analisar características que considera fortemente conservadoras de certas religiões utiliza as expressões religiões em conserva e religiões vivas para designar os cultos afro-brasileiros ou afro-cubanos em oposição ao vodu do Haiti. Considera que as inovações têm que se subordinar a diversas tradições e se caracterizar como um retorno à África. Por outro lado, no Haiti, onde a independência ocorreu em inícios do século XIX, houve desde cedo uma ruptura com a África, a eliminação da população branca e do controle eclesiástico católico durante mais de 50 anos. Assim a religião do vodu do Haiti pode se desenvolver mais livremente. Bastide apresenta uma visão geral de diversos tipos de religiões afro-americanas com ênfase no candomblé do Brasil e no vodu do Haiti. Discute também relações entre sincretismo e mestiçagem, mostrando que na América católica este fenômeno foi mais intenso do que na América protestante. Embora o livro *As Américas Negras* seja relativamente pequeno, contém observações interessantes sobre cultura e religiões afro-americanas. Publicado há mais de quarenta anos, de fato foi uma obra pioneira no campo das Religiões afro-americanas. Apesar da riqueza de suas observações algumas das idéias que defendeu hoje não são mais aceitas e surgiram novos problemas, como veremos em textos reunidos neste dossiê.

A antropóloga austríaca radicada em Caracas, Angelina Pollak-Eltz publicou em

1972, com nova edição em 1994 o livro *Religiões Afro Americanas Hoje*. Constata que nos últimos anos surgiram muitos estudos e houve alterações no panorama destas religiões. Informa que nos anos 60 começou o êxodo cubano e a ida da santeria para Miami e para o norte dos Estados Unidos. As religiões afro-brasileiras tornaram-se mais conhecidas, havendo grande expansão da umbanda e depois do candomblé. Na década de 70 estes cultos se expandiram para o Uruguai e para a Argentina. Os dirigentes da santeria Cubana, do candomblé e da umbanda estabeleceram contatos com países da África onde se originam suas religiões. Houve muitas conferências internacionais e novos antropólogos se interessaram pelos fenômenos religiosos. Estas religiões também se expandiram pela Europa. Angelina mostra que ocorreu o fenômeno de desafrikanização, para tornar os cultos mais aceitáveis pela classe média e por outro lado uma progressiva reafrikanização, para os que desejam se identificar mais com a África. Comenta a importância dos estudos afro-americanos desenvolvidos, sobretudo a partir dos trabalhos de Melville Herskovits, primeiro antropólogo a realizar, na perspectiva da teoria da aculturação, a partir da década de 1930, estudos comparados entre a África e as Antilhas.

A autora apresenta um apanhado com informações sobre as religiões na África Ocidental, com ênfase no Gana, nos ewe-fon do Benin, nos ioruba da Nigéria e nos bantu do Zaire-Angola. Depois dá um panorama das religiões afro-brasileiras comentando o candomblé, o batuque, o xangô, o tambor de mina, as religiões bantus, a macumba, os cultos afro-indígenas, a pajelança, o catimbó e a umbanda. Fala sobre a expansão recente destas religiões em São Paulo, no Uruguai e na Argentina. Aborda

as religiões afro-americanas nas Antilhas a partir de Trindade, Jamaica, Cuba e Haiti. Discorre sobre estas religiões na Venezuela tratando do culto de Maria Leonza, da santeria e da umbanda em Caracas. Refere-se às religiões dos negros urbanos e rurais no Suriname e dos cultos negros nos Estados Unidos. O livro de Angelina Pollak apresenta, portanto, amplo panorama das diferentes religiões afro-descendentes nos diversos países do continente americano.

O escritor e etnógrafo alemão Hubert Fichte fez diversas viagens de estudo pelas Américas e África desde os anos de 1970. Embora não sendo antropólogo se interessou em estudar e escrever sobre as religiões afro-americanas. Fichte nasceu na Alemanha em 1935 e faleceu em 1986. Se definia como bastardo, meio judeu e bissexual. Com estas características diz que se aproximava de outros marginais da sociedade, daí seu interesse pelas religiões afro-americanas. Em 1981/82 passou 8 meses estudando a Casa das Minas do Maranhão sobre a qual publicou alguns trabalhos.

Como romancista interessou-se pelas ciências humanas e diz que aprendeu com a etnologia “o hábito incômodo da verificação” Seu livro *Etnopoesia: Antropologia poética das religiões afro-americanas*, publicado no Brasil em 1987, é uma coletânea de ensaios divulgados entre 1980 e 85. Inicia-se com um capítulo introdutório em que teoriza sobre a escrita e criticando o desprezo das ciências humanas pela linguagem, compara o jargão científico ao neocolonialismo que encobre a dominação. Apresenta depoimentos da história de vida de participantes das religiões afro-brasileiras no Rio de Janeiro e no Maranhão. Possui capítulo sobre rituais de iniciação no Haiti que indica plantas e outros ingredientes utilizados no preparo de banhos e bebidas. Conside-

ra que no Haiti o vodou ajudou o povo a suportar a escravidão e a sobreviver ao neocolonialismo, ao turismo e aos governantes. Diz que as receitas de plantas constituem a parte mais secreta da religião. No Haiti mulheres dão a luz nos templos do vodou e os sacerdotes, doutores em ervas, são parteiros utilizando plantas inclusive para facilitar a amamentação. Dedicou um capítulo ao estudo das religiões afro-cubanas em Miami, onde dizem que há mais seguidores do culto ioruba do que na Nigéria. Descreve cerimônias do culto de Maria Lionza na Venezuela. Apresenta observações sobre o culto xangô em Granada, sincretizado com elementos protestantes ou pentecostais. Seu trabalho bem escrito seduz o leitor, embora algumas vezes com certos exageros de linguagem.

O estudo das retenções lingüístico-culturais da tradição africana em Cuba inicia-se e cobra valor científico a partir dos trabalhos de Fernando Ortiz. O autor assinalou a presença de cerca de uma centena de grupos étno-lingüísticos africanos no país. Além do aporte mais conhecido, a criação do vocábulo de *transculturação* (ORTIZ, 1940, p. 273), termo que se refere principalmente à criação de um produto novo, diferente ao mesmo tempo dos genitores, o autor faz uma incursão no legado lingüístico subsaariano da cultura cubana e, em geral em cada uma das manifestações da cultura dos negros: *ioruba, lucumí, arará, bantu, mandinga, carabalí*, e inclusive as chamadas *tumbas francesas* procedentes do Haiti.

Para Ortiz (1940, p. 273, tradução nossa), a transculturação:

[...] expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque esta não consiste somente em adquirir uma nova e distinta cultura, que é o a rigor indicado pela voz inglesa *acculturation*, mas que o processo implica necessariamente

na perda ou destruição de uma cultura precedente, o que poderia ser considerado uma de-culturação, e aliás significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que poderiam denominar-se neoculturação.

O processo compreende três fases: aculturação, deculturação e neoculturação. E acrescenta o autor (ORTIZ, 1940):

Como bem sustenta a escola de Malinowski, em todo abraço de culturas acontece a mesma coisa que na cópula genética dos indivíduos: a criatura sempre tem algo de ambos progenitores, mas também sempre é distinta de cada um dos dois. No seu conjunto, o processo é uma transculturação, e este vocábulo compreende todas as fases de sua parábola.

Além deste aporte, o mais importante do chamado Terceiro Descobridor de Cuba, há naquele país, vários artigos e livros sobre a etnicidade, etnografia, música, delinqüência, vida de demônios, psiquiatria e diversas festas e bailes de negros no país. O confronto de opiniões de diversos autores cubanos e estrangeiros evidencia a variedade de critérios tanto com relação à análise da questão geral quanto na interpretação de determinados fatos sócio-culturais. Atualmente, nem sempre é usado o vocábulo de Ortiz. É comum ouvir palavras alternativas como “reprodução” e “reconstrução” (VINUEZA, [19--?], p. 20) que, segundo parece, têm um campo semântico menor do que o de transculturação. Aplicam-se, sobretudo no âmbito específico de uma dotação, de um engenho de açúcar ou do conjunto destes num meio hostil, como foi o das plantações escravagistas. A transculturação usar-se-ia num marco mais amplo, o nacional, seria o termo apropriado para caracterizar o longo processo conformador da cultura nacional cubana, integrado por elementos africanos, europeus e asiáticos.

A classificação mais completa, rigorosa e atualizada deve-se a Jesús Guanche (2009, p. 12) que, para melhor compreensão da sua proposta, precisou usar alguns conceitos muitas vezes esquecidos e não muito bem valorizados na hora de fazer ou interpretar esquemas classificatórios. Como bem sabemos, “as regularidades fundamentais da composição multi-étnica de Cuba [e de outros países da área como Haiti, Trinidad y Tobago, Brasil, entre outros, grifo nosso], não é possível determiná-las só pelo etnônimo, nem pela denominação étnica, já que ambos são conseqüências das interpretações subjetivas da realidade africana por parte dos europeus e, por isso, confundem. Para acompanhar a lógica deste dossiê, escolheremos o exemplo dos congo, grupo de africanos trazidos a Cuba, procedente da área etnolingüística bantu, do norte do Rio Congo até o Sul de Angola, do sub-grupo lingüístico benué congo. Estavam compostos por naturais da atual República Democrática do Congo, da República do Congo e de Angola, principalmente. É justamente da modalidade banto dos cultos de origem africana em Cuba, denominada Regla de Palo Monte ou Regla Conga, que fala o artigo de Ana Stela Cunha.

O livro *Os Yoruba no Novo Mundo: Religião, etnicidade e nacionalismo negro nos Estados Unidos*, de Stefânia Capone apresenta um panorama da situação atual da religião dos orixás nos Estados Unidos em comparação com Cuba e o Brasil. A partir de pesquisas de campo realizadas entre 1997 e 2004 Capone analisa laços entre identidade étnica e religiosa, estudando a difusão e readaptação da santería nos Estados Unidos. O trabalho apresenta com detalhes a história da “aldeia” africana de Oyotunji fundada em 1970 na Carolina do Norte pelo “rei dos iorubá na América, Walter King, depois

chamado Baba Oseijeman Adelabu Adefini I, que nasceu em Detroit em 1928 e faleceu em 2005. Foi militante do movimento nacionalista negro e organizou uma comunidade de praticantes da religião dos orixás, com o projeto de revitalizar a cultura e a religião africana na América. Stefânia denomina de aventura “contra-aculturativa” este processo de reafrikanização, como um projeto político que se insere no contexto da história dos negros norte-americanos a partir da religião.

Segundo a autora, a santeria cubana como o candomblé do Brasil substituíram a linhagem pelo grupo de culto e pela revitalização do culto dos ancestrais, enquanto os afro-americanos redescobriram a modalidade africana de transmissão da divindade protetora no seio da linhagem que fora destruída pela escravidão. Isto acarretou uma etnicização da religião dos orixás, que passou a ser aberta aos descendentes de africanos na América. A religião se tornou assim um projeto político para a comunidade afro-americana.

Stefânia Capone analisa a religião dos orixás nos Estados Unidos, fazendo diversas comparações com religiões em outros países americanos e com suas origens na Nigéria. O trabalho realiza ampla análise da história da igreja negra, do nacionalismo negro nos USA e do renascimento cultural afro-americano a partir da segunda década do século XX. Discute a importância da chegada dos cubanos desde o início dos anos 1960 até as novas ondas de migrações nas décadas seguintes. Comenta os motins raciais dos anos 1970 e a organização da aldeia africana na América. Analisa tensões ocorridas na comunidade religiosa e as démarches entre a santeria e a religião ioruba. Debate também relações entre os iorubas da Nigéria com os da diáspora e os laços trans-

nacionais da religião dos orixás. Trata-se de trabalho centralizado no estudo da religião dos orixás nos Estados Unidos que discute também e apresenta informações sobre aspectos importantes do panorama atual destas religiões na África e nas Américas.

Os sete artigos reunidos neste dossiê tratam de aspectos específicos das religiões afro-americanas em alguns pontos do continente, a saber: Argentina, Cuba, Portugal e Brasil, no Maranhão e no Rio de Janeiro. Nos limites de um periódico acadêmico os textos apresentam um panorama atualizado das religiões de origens africanas dos dois lados do Atlântico.

O artigo de Alejandro Frigério e Eva Lamborghini sobre Processos de reafrikanização na sociedade argentina: umbanda, candombe e militância afro, não foi apresentado nos eventos acima referidos. Foi recebido para publicação e aprovado durante a preparação do dossiê, sendo incluído no mesmo por tratar de tema relacionado aos debates. Os autores afirmam que a sociedade argentina apresenta-se como euro péia, branca, católica, moderna e racional. Ao contrário da maioria dos países latino-americanos, a narrativa dominante glorifica a branquitude da população e não a mestiçagem. As últimas décadas têm revelado, entretanto, importante desenvolvimento de manifestações culturais afro-americanas e os afro-descendentes, invisibilizados durante quase um século, começaram a exigir seus direitos.

Comenta que a partir de meados da década de 1960 as religiões afro-brasileiras foram (re)-introduzidas do Uruguai e do sul do Brasil, propiciando a expansão de terreiros de umbanda, de batuque, de quimbanda e de candomblé. Nos anos de 1980 o candombe uruguaio tornou-se a manifestação cultural afro-americana mais desenvolvida na

Argentina. Trata-se de prática cultural negra, popular, imigrante, com músicas e danças que receberam esta denominação desde o século XIX e hoje são assimiladas por jovens negros e brancos reunidos em bairros de Buenos Aires e atualmente inclusive em algumas cidades do interior. Os praticantes das religiões afro-brasileiras e os cultores do candombe realizaram esforços nos últimos vinte anos para resgatar a herança cultural, que a militância prefere denominar diáspora-africana na Argentina. O texto constata que nas últimas três décadas se desenvolveram manifestações culturais e políticas afro-americanas num país que sempre se pretendeu o mais branco e europeu do continente. Comenta que estas manifestações, entretanto têm favorecido mais as práticas culturais do que as afro-religiosas.

O artigo de Ana Stela Cunha, Cantando para os mortos: cerimônias fúnebres e diversidade religiosa em Cuba, estuda as delicadas redes hierárquicas existentes entre as diversas religiões de matriz negro-africana praticadas em Cuba, e discute a multiplicidade e a criatividade religiosa durante os ritos funerários para os iniciados. A modalidade de culto escolhida é a da nação bantu denominada Palo Monte (ou Regla Conga), como já advertimos, sendo este o momento em que as distintas iniciações do praticante são elaboradas e dialogam com as demais práticas religiosas sendo a morte, portanto, um processo de transformação e identificação. A intenção da autora será, desconstruir “categorias religiosas” que têm servido, para grande parte de autores sobre a religiosidade afro-cubana, como um pilar de análise. Voluntariamente, deseja observar o religioso e suas práticas rituais em “ação”, ao modo turneriano, isto é, nas formas como são construídas num determinado momento: os dos “llantos” (choros) de corpo pre-

sente. As descrições são centradas nos rituais do Palo Monte, tratando justamente de evidenciar as distintas tramas envolvidas entre o fazer religioso e as tradições. Precisa ela que de qualquer forma as cerimônias foram intercaladas com rituais de outras modalidades de culto chamados de afro-cubanos. Embora a bibliografia especializada é praticamente inexistente, vale-se de estudos realizados por Lachatañeré, Cabrera, Ortiz, Brown, Acosta e Menéndez.

O antropólogo francês Erwan Dianteill (1997, p. 6) estuda num artigo polêmico e denso, a relação existente entre santo católico e o orixá em Cuba. O autor é inspiração em outro trabalho deste dossiê (o de Hippolyte Brice Sogbossi sobre gênero e posse) já que trata da questão do gênero e da relação do inici(a)ndo com sua divindade. Existem, para ele, três valências: identificação, filiação e aliança na relação do adepto com seu orixá, mas não convence a argumentação, por agrupar identificação e filiação de um lado e aliança do outro, em vez de associar as três relações numa relação dialética. Na experiência etnográfica que Ana Stela nos propõe, há muitos objetos que demonstram a presença cristã (terços, rosários, crucifixo, imagens de santos); introdução de cantos católicos entre os mambo (em língua kikongo); rezas como Ave Maria ou Pai Nosso, sobretudo no início e fim das cerimônias presenciadas. Além de outros elementos como penas, velas, caixão, folhas de bananeira, algodão, pano preto, sangue, o uso da língua boçal. As investigações sobre a evidente presença cristã nas chamadas religiões “tradicionais” africanas não datam de agora, inclusive a historiografia das missões está repleta de exemplos.

O artigo de Clara Saraiva, Energias e Cura: a Umbanda em Portugal, mostra que, nas últimas décadas, o país tornou-se local

de imigração, especialmente de brasileiros e africanos provenientes das antigas colônias. Aborda a questão das práticas terapêuticas, analisando o modo como os portugueses aderiram a elas. Comenta a influência da literatura afro-brasileira, com a divulgação de trabalhos de Roger Bastide, Pierre Verger e Jorge Amado, divulgados em telenovelas em que as religiões afro-brasileiras são apresentadas. Desde 2005 a autora tem realizado pesquisas de campo em terreiros de umbanda e candomblé em Portugal e no Brasil, com observação de rituais e entrevistas com pais e mães de santo, médiuns e clientes destas religiões. Revisa a literatura sobre o tema e discute conceitos relacionados com equilíbrio, doenças, cura e relações entre umbanda, catolicismo e religiões da Nova Era.

Constata que os brasileiros constituem atualmente o maior grupo de imigrantes em Portugal, ocupam cargos na estrutura dos terreiros, mas não constituem a maioria dos frequentadores. Afirma que a maior parte dos imigrantes brasileiros optam por participar de igrejas evangélicas pentecostais e neo-pentecostais. Em Portugal a questão da cura é central na procura pelos terreiros de umbanda e candomblé. Muitos adeptos chegam a estas religiões procurando a solução de crises ligadas a doenças e a maioria dos rituais está relacionada com estratégias para manter ou restaurar o bem estar físico, mental, ou social. O texto questiona se no solo luso se desenvolve uma variedade portuguesa dos cultos afro-brasileiros. A maioria dos quarenta terreiros recenseados pela autora em 2009 segue práticas da umbanda, sobretudo Omolocô e de candomblé, mas todos praticam algumas formas de procedimentos terapêuticos. Constata que busca da cura e do bem estar é uma das vertentes do cruzamento entre o biológico e o cultural, a biomedicina e o religioso, as práticas médicas e os rituais.

O artigo de Hippolyte Brice Sogbosi, *Gênero e Possessão no Candomblé: Uma Aproximação*, explora as diferentes posturas adotadas na apreciação da relação entre adepto e divindades nas religiões em geral e particularmente nas chamadas de afro-brasileiras. No caso do candomblé, a dita relação envolve determinados fatores ligados à vida existencial do próprio adepto, às relações sociais e também às de gênero dentro da sociedade. O presente trabalho procura examinar diferentes teorias que tratam da relação de gênero, particularmente as identidades sexuais dentro do candomblé, e a questão do transe. Outro objetivo almejado foi discutir e enriquecer, junto com a comunidade acadêmica internacional, a questão das identidades sexuais em religiões como o vodum haitiano e a santeria cubana, dois prismas críticos dos estudos sobre religiões deste lado do Atlântico; ou simplesmente dialogar com o vodum beninense sobre a questão. A pesquisa iniciada há algum tempo, procurou discutir a questão a partir de autores como Ruth Landes, Roberto Motta, Patrícia Birman, Erwan Dianteil, Alfred Métraux, Vivaldo da Costa Lima, Reginaldo Prandi e outros trabalhos antropológicos referentes a estudos sobre determinadas religiões do mundo, particularmente os de Roberte Hamayon, Saladin d'Anglure, Brac de la Perrière e Bogoraz. Após analisar a questão da homossexualidade dentro do candomblé, e sobre o comportamento do adepto em algumas religiões ao redor do mundo com relação à possessão, o autor chega à conclusão de que a postura a ser adotada, a partir destas considerações é de relativismo, já que a questão das identidades de corpo, gênero e religião não obedece a esquemas rígidos de classificação.

O artigo de Mundicarmo Maria Rocha Ferretti, *Pajelança e cultos afro brasileiros*

em terreiros maranhenses, tem como objetivo desmistificar a exclusiva herança indígena do sistema religioso e terapêutico denominado *pajelança* em populações negras maranhenses. Também analisa diversas formas de dialogar com outras expressões religiosas de origem africana como é o caso do tambor de mina, com vistas a sua integração num mesmo terreiro. É fundamental o fato de que, meritoriamente, a autora afirme com base em estudos de Castro e Mott, que a origem das palavras cura e pajelança deva ser encarada como cultura afro-brasileira e não como sincretismo afro-ameríndio. A autora reforça a hipótese de que a origem da cura pode ser também africana ou resultado do diálogo inter-étnico afro-indígena.

O ponto mais interessante e ao mesmo tempo mais polêmico, do nosso ponto de vista, é o que trata do processo de definição e afirmação do pajé ou da pajelança em geral. Os atributos rituais, como maracá, fumaça em atendimento a clientes e, sobretudo a retirada de feitiços ou “porcarias” do corpo dos clientes, podem ser elementos africanos também, pois, não são exclusivos de populações indígenas. É comum, por exemplo, entre populações meridionais do Benin, que um mago retire do corpo de pessoas enfeitadas pedaços, de garrafa quebrada, pregos, agulhas, enfim, “porcarias”. A cura e a pajelança onde o pajé, em transe, faz diagnóstico, receita e trata enfermidades, podem muito bem ser compatíveis (ou estar em consonância) com o tambor de mina. Não é por acaso. Em outras palavras, cabe ver a possibilidade de que a origem indígena não seja a referência exclusiva e única. A sua conclusão de que “os elementos indígenas de cura encontrados em terreiros maranhenses têm sido encarados por nós mais como uma representação da pajelança indígena feita por negros do que como uma herança cultural

recebida por eles de pajés indígenas; porque eles mesmos foram os criadores e praticantes de uma pajelança particular de origem africana” tem pleno sentido.

Stefânia Capone participa deste dossiê como especialista convidada e mencionamos acima seu trabalho *Os Yoruba no Novo Mundo*. Seu artigo *O pai de santo e o babalawô: interação religiosa e rearranjos rituais na religião dos orishás*, analisa a expansão das religiões afro-americanas além das barreiras étnicas e nacionais, que a autora considera uma das mais significativas mudanças no campo destas religiões, discutindo as lutas locais pelo poder religioso em decorrência da recente interconexão entre diferentes tradições regionais, especialmente do candomblé brasileiro e da santería cubana. De religiões secretas e perseguidas elas se tornaram públicas e respeitáveis. Apesar da fragmentação histórica, líderes religiosos almejam a unificação de suas práticas destacando os alicerces comuns em todas as modalidades das religiões afro-americanas. Conferências e congressos internacionais ajudam a criar redes pondo em contato o candomblé brasileiro, a santería cubana, o vodu haitiano, o orisha-vooodoo norte americano e a “religião tradicional” ioruba.

Segundo Capone, estas tentativas geram novas formas de “creolização” religiosa, nas quais o trabalho sincrético – base histórica destes tipos de religião – é ressignificado, dando preferência a variações endógenas africanas ou afro-americanas em detrimento de influências exógenas européias ou católicas. Segundo a autora, empréstimos rituais de práticas ligadas a estas religiões em diferentes lugares, são exemplos da tensão entre unificação e fragmentação dentro destes fenômenos religiosos. Lembra que o ensino da língua iorubá se difundiu em Universidades no Brasil a partir da década

de 1960, em Salvador e se intensificou nas décadas seguintes no Rio de Janeiro e em São Paulo. Estudantes nigerianos que ensinavam iorubá começaram a dar aulas sobre rituais aprendidos em obras de africanistas. O sistema de adivinhação de Ifá passou a ser ensinado nestes cursos e alguns estudantes começaram a receber o título de babalaô. Na década de 1990 tradições afro-cubanas foram introduzidas no Rio de Janeiro com a vinda de praticantes daquele país e alguns iniciados foram completar sua iniciação com religiosos nigerianos. Com estas inovações surgiram novas tensões no campo religioso afro-brasileiro.

A autora analisa com detalhes o caso de tensões entre o pai de santo e o babalaô, num terreiro de candomblé num subúrbio do Rio de Janeiro, na busca por uma origem religiosa mais valorizada por ser considerada mais próxima das raízes da tradição. Os conflitos se relacionaram com problemas de liderança feminina, masculina ou de homossexuais e entre o monopólio da adivinhação e o exercício da mediunidade, provocando uma série de dramas rituais e alterações na hierarquia religiosa. Compara estas tensões no candomblé do Brasil com o caso de religiões afro-americanas em Cuba e nos Estados Unidos. Fragmentos das tradições de origens africanas foram preservadas na Nigéria, em Cuba e no Brasil. Nas últimas décadas o movimento de reafirmação tem sido entendido como o retorno a um passado imutável. A reconstituição da unidade perdida é uma tentativa de reencontrar a tradição. A idéia de uma unidade de base da cultura africana tem inspirado vários projetos de unificação das práticas religiosas afro-americanas, mas as tentativas de readquirir esta unidade perdida devem também levar em consideração as tensões estruturais que abalam esse univer-

so religioso bem como a multiplicidade dos modelos de tradição.

O artigo de Zeca Ligiero, O Conceito de “Motrizes” Culturais aplicado às Práticas Performativas Afro-Brasileiras, analisa dinâmicas das performances culturais afro-brasileiras a partir de três manifestações: o candomblé, a umbanda e a capoeira. O autor aponta nestas manifestações a importância de elementos como: o cantar-dançar-batucar; a alternância do ritual e do jogo; o culto à ancestralidade; o papel dos mestres na transmissão dos saberes e da roda entre performers e espectadores. Em vez de “matriz” o autor propõe a utilização do conceito “motrizes”, no plural, para entender a complexidade das dinâmicas das performances afro-brasileiras e definir um conjunto de práticas culturais que inclui dança, canto, música, figurino e espaço. Examina o ritual do Olorogun do candomblé ketu, de Zé Pilintra no ritual da umbanda e do jogador da roda de capoeira de Angola afirmando que não descarta a ocorrência de motrizes culturais em outros rituais não religiosos.

Lembra que na África há um período em que não se devem invocar os orixás e considera que no ritual do Olorogun, que marca a época de fechamento do terreiro antes do período da Quaresma, ocorre um jogo de guerra entre os orixás Xangô e Oxalá ou Ogum, em que a guerra é representada como um drama. Na umbanda o ritual do Povo de Rua é uma festa em que as entidades circulam entre o público. Seu Zé Pilintra é uma das poucas entidades a participar do ritual do Povo de Rua, onde vem fumar e beber e participar com os Pretos Velhos, do ritual para as almas. Lembra que capoeira foi reprimida e perseguida na colônia e no império, até que Mestre Pastinha (1889-1981) em Salvador, sistematizou conhecimentos sobre a capoeira Angola e a ensinou a

aprendizes, aproximando-a do ritual, do jogo, da filosofia e da arte africana. A capoeira Regional foi desenvolvida posteriormente por Mestre Bimba (1900-1974) que priorizou o aspecto atlético e competitivo. Conclui considerando que as tradições africanas foram recriadas ou reinventadas no Brasil. O corpo do performer vai ser o responsável pelo encontro com o mundo dos ancestrais africanos. Na capoeira de Angola o jogo envolve a simulação de uma luta, ora imitando animais, ora num novo repertório aprendido com os mestres. As motrizes culturais são ferramentas de transporte entre o mundo dos vivos e dos ancestrais.

Constatamos na leitura dos diversos artigos aqui reunidos que o dossiê apresenta e atualiza uma visão das religiões e das culturas afro-americanas em diferentes regiões, destacando e analisando problemas em áreas e em manifestações religiosas específicas. Estamos certos que se trata de uma contribuição original e atual para a compreensão de aspectos do fenômeno religioso no mundo de hoje, no campo das religiões de matrizes africanas.

REFERÊNCIAS

- BASTIDE, Roger. (1967). *As Américas Negras: as civilizações africanas no Novo Mundo*. São Paulo: DIFEL, 1974.
- CAPONE, Stefania. *Os Yoruba do Novo Mundo: religião, etnicidade e nacionalismo negro nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Pallas Ed. 2011.
- DIANTEILL, Erwan. Les trois visages de l'oricha. La relation entre homme et dieu dans la santería cubaine. *Archives des Sciences Sociales des Religions*, Paris, n. 100, p. 5-29, oct./ déc.1997.
- DORSAINVIL, Chrysostome. *Psychologie haïtienne, vodou et magie*. Port-au-Prince : [s.n.]: 1937.
- FICHTE, Hubert. *Etnopoesia: antropologia poética das religiões afro-americanas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GUANCHE, Jesús. *Africanía e etnicidad en Cuba: los componentes étnicos africanos y sus múltiples denominaciones*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2009. (Etnología).
- LIMA, Vivaldo da Costa. *A família-de-santo nos candomblés jej-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais*. Salvador: Corrupio, 2003.
- ORTIZ, Fernando Fernández. *Glosário de afronegrismos*. La Habana: Imprenta El Siglo XX, 1924.
- _____. El fenómeno social de la transculturación y su importancia en Cuba. *Revista Bimestre Cubana*, La Habana, v. 46, p. 273-278, jul./dic. 1940.
- _____. Los instrumentos de La música folclórica de Cuba. *La Habana*, MINED, 5 v. 1952-1965
- _____. Orígenes de La poesía y el canto entre los negros africanos. *Las africanías de La Música folclórica de Cuba*. La Habana, Editora Universitaria, p. 179-250, 1965.
- _____. *Ensayos Etnográficos*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1984. 424 p.
- POLLAK-ELTZ, Angelina. (1970). *Religiones Afroamericanas Hoy*. Caracas: Ed. Planeta Venezolana, 1994.
- SOGBOSSI, Hippolyte Brice. *La tradición ewé-fon em Cuba: Contribución al estudio de La tradición ewé-fon (arará) en los pueblos de Jovellanos, Perico y Agramonte*,

Cuba. La Habana: Fundación Fernando Ortiz, 1998. (Africanía).

VINUEZA, María Elena; Ana V. Casanova. **Algunas consideraciones sobre el aporte yoruba a la cultura nacional cubana.** CID-MUC: La Habana, [19--?], 45 p.

NOTA SOBRE OS AUTORES

Sergio F. Ferretti é doutor em Antropologia, Professor Emérito da UFMA, leciona nos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e em Políticas Públicas da UFMA, tem publicado livros e artigos sobre religiões afro-brasileiras e sobre cultura popular, especialmente sobre o tambor de mina e o tambor de crioula do Maranhão.

Hippolyte Brice Sogbossi é Doutor em Ciências Filológicas pela Universidade de Havana, Cuba (1996), e Doutor em Antropologia pelo Museu Nacional, UFRJ (2004). É também Professor Associado em Antropologia no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe. Desenvolve atualmente pesquisas na área de sociolingüística e antropologia das populações Africanas e afro-americanas, onde têm destaque os estudos sobre parentesco, morte, religião e etnicidade (comunidades marginalizadas em perspectiva comparada).